

## Tio Jacintho

Noite de S. João.

A fogueira que a devoção da sinhá Maria costumava, todo anno, levantar, em louvor de S. João, crepitava quasi apagada. A furia abrasadora das primeiras labaredas que, em torcidos serpentinos, lambiam freneticamente o ar, succedia aquella calma de fogueira a esfazer-se em brasas.

Aqui e alli, ainda se erguiam pequenas chamma, roendo transversalmente os grossos troncos.

O braseiro ardente esperava, coruscando, os gordos pés das robustas sertanejas e as espraia das chancas dos latagões da aldeia, para o compadris.

A cerimonia constitua o que de mais simples se pode imaginar. Os moços escolhiam as raparigas com que deviam, de mãos dadas, passar sobre as ascuas escaldantes. Desde esse dia, ficavam sendo compadres, para todos os effeitos. Ao contrario do ligamen espiritual, contrahido na pia da agua lustral, o compadrisco nascia aqui do baptismo pelo fogo.



Por ordem da sinhá Maria,  
trouxeram para junto da fo-  
queira um ceirão de aipim,  
um cesto de batatas e mui-  
tos mólhos de canna.

Chegou a vez da creançada.  
Não se sabia explicar de onde  
surgira tanta creança.

Parecia, na avidez com que  
se lançava cada qual, mais  
apressado, para escolher o me-  
lhor quinhão, um bando espai-  
mado de corvos, a tripudiar  
sobre a lombada de uma rez,  
disputando-lhe os pedaços.

Não raro, daquelle oceano revol-  
to de braços e cabeças, saia, aos  
gritos, sapateando desordenadamen-  
te na relva, uma creança, com  
brasas agarradas às plantas.

Na sala, a rapaziada trema-  
va, no trebelho desenvolvido, re-  
frescando, a espaços, no canji-  
rão refeito de vinho espumoso,  
as gargantas ressecadas.

O céu, como uma saphira enor-  
me, olhava, lá de cima, pelos olhos  
minúsculos das estrellas, a Terra  
adormecida.

A lua semelhava um branco  
escalér luminoso, a vogar, oscil-  
lando mansamente, na imneu-



cidade tranquilla do céo azul.

As arvores, que uma aragem branda agitava, sacudiam, languidas, a neblina prateada dos cabellos.

Lá de dentro, chegavam distintamente sons melancolicos de viola, acompanhando o desaffio:

— "Morena, Teus olho é uva,  
Daquella que faz o vinho,  
Teus braços é uma gaiola,  
Eu vou ser teu canarinho.

— "Cabocho regala os olho,  
Regala os olho de sapo,  
É arrepara que a morena,  
Nã é morena p'r'o teu papo.  
É a toda continuava, monótona e dolente, varando o silencio da noite, derramando-se pelos socavões soturnos e quebra-das ermas.

Ninguém reparou no Tio Jacintho que, velhinho e curvo, sentado no ultimo degrau da escada, fixava as pupillas desmaiadas, no braseiro, matutando:

— Que fôra alli fazer? Era bem merecido aquelle abandono. As festas eram para os mocos que tinham manhãs radio,



sas a cantar-lhes dentro d'al-  
ma. Aos velhos Tocava a soleda-  
de, a penumbra, o occaso... E  
elle sentiu-se como que des-  
locado naquelle ambiente de  
risos.

A mocidade que se divertisse!  
Era justo. Não folgara Tambem  
no seu tempo de moço? O seu  
tempo de moço!... Como isso ia  
longe!... E tio Jacintho sacudir, mu-  
na resignação nazarena, a ca-  
beça encanecida que o luar  
beijava, acariciando-a. Depois le-  
vantou os olhos amortecidos pa-  
ra o céu, fitando a lua. Só ella  
não mudara, sempre redonda  
e linda, como nos Tempos au-  
reos da sua mocidade... E os  
seus olhos margearam-se de la-  
grimas.

Nem perceber, na sua dolorosa  
excursão ao passado, que os me-  
ninos o cercavam, supplicando-lhe  
— Tio Jacintho, conte-nos uma his-  
toria, uma historia bonita...

E tio Jacintho teve que voltar  
à realidade da vida. Com-  
prehendeu afinal o papel que  
lhe cabia representar no mun-  
do. Os velhos não passam, em ver-  
dade, de creanças senis. Estava,



pois, no seu meio, entre as creanças,  
como uma creança mais velha.

E, resignado, começou a historia:  
"Foi lá para as bandas de Diamantina... Nesse Tempo, não se  
sem vocês que Diamantina era  
a cidade que é hoje. Modesto ar-  
raialzinho, de umas cinquenta  
casas apenas, vivia a vida obscu-  
ra e pacata dos povoados ser-  
tanjos. É verdade que, de quan-  
do em quando, um ou outro  
crime sobressaltava a atenção  
publica, interrompendo-lhe o cur-  
so normal. Mas isso, todos sabiam,  
era a população adventicia que  
a sede do ouro arrebanhava.

De trens de ferro, nem se falava  
ainda. E fossem lá dizer ao ma-  
tuto diamantinese, que uma  
locomotiva pesada podia rodar  
sobre os trilhos, sem tombar!...  
Que armada, santo Deus!...

Os Transportes eram feitos, quasi  
exclusivamente, sobre o lombo dos  
animaes. As tropas cruzavam os  
sertões mineiros, em todas as di-  
recções.

A catada de diamante e do ouro  
desvarava então os cerebros.

As bandeiras succediam-se a pe-  
quenos intervallos. Umias detinham



se, na pessoa humilde, o tempo  
sufficiente para tomar um breve  
descanso, e partiam depois, sertões  
a dentro, em procura da mira-  
gem fallaciosa que lhes fugia  
sempre. Outras estanceavam por  
alli, annos inteiros.

Um dia, teve o arraial a atten-  
ção despertada por uma impo-  
nente caravana que entrava,  
choitando, ao passo cadenceado  
das mulas. As <sup>medias</sup> arreatas de couro  
novo e luzidio, marchetadas de  
tachinhas de ouro, faiscavam ao  
sol.

A frente, a madrinha tinti-  
nabulava festivamente, espalhafa-  
tosamente, o cinorro pendente  
do pescoço. Tinham depois as  
azemulas anafadas, vergando o  
corpo ao peso das cangalhas  
novas, em cujo cimo tripudia-  
vam, em saudações à terra, ban-  
deirolas tricolores.

O povo, no auge da admiração,  
comprimia-se, fasmado, nas portas  
e janelas, para ver passar a  
soberba cavalgada.

Foi uma apothose quando appa-  
receu a figura homérica do seu-  
hor de todo aquelle fausto, ca-  
valgando um magnifico gine-



te, negro como a noite, de cri-  
nas bastas e cauda compri-  
da, a rebolar, sob a qualdrapa,  
Taurizado de pedrarias raras,  
a carne rolica de animal  
acarinhado. A' sua dextra, com  
a desenvoltura de uma ama-  
zona, sobre um não menos fo-  
moso corcel, marchava uma bel-  
leza egypcia, de olhos destumba-  
damente pretos e profundos, ca-  
bellos ondedados e longos, a fu-  
girem-lhe de sob o toucado,  
numa chuva de ebano, pelas  
nuveas espaduas e edlo alabas-  
trino, que um bellissimo rosi-  
cler de perolas finas emoldu-  
rava.

Fechando a marcha, vinham  
os lacaios, garbosamente empertiga-  
dos nas suas libris de ouro, com  
as plumas dos capacetes reluzen-  
tes, evocando ao vento. Cães  
de varias raças, escolhidos a ri-  
gor, em choute vagaroso, ganiam,  
farejando o ar.

Toda Diamantina vibrava de  
admiração e de curiosidade.  
— Quem seria aquelle jovem se-  
nhor — indagavam, ansiosas, as  
bocas. Talvez algum principe orient-  
tal ou argentinario americano,



em excursão de recreio...

Os boatos circulavam, desencorajados.

O numeroso séquito estava numa vasta área desocupada, ao centro do arraial. Ali distribuíram as tendas de lona as longas asas brancas, em beirões de sombra e de conforto.

Apesar da curiosidade, o povo manteve-se respeitoso, à distância.

A chegada de forasteiros começava a inquietar, não sem justa causa, o animo dos nativos. Entre os homens honestos, que a atração do ouro dominava, vinham também criminosos da pior espécie. E já se contavam, por inúmeros, os casos de assaltos e roubos artificiosos, levados a efeito dentro mesmo do arraial.

Dezta feita, porém, a inquietação era motivada apenas pela curiosidade natural de ver coisas novas e bonitas.

Beim ao centro da área, alteava-se a Tenda do jovem senhor, luminosamente alva, na sua majestade olympica de rainha. As outras estendiam-se



-lhe reverentes, em torno.

A' pompa radiosa de um dia claro de sol, succedeu a escuridão trágica de uma noite patibular. Nuvens negras varrevam a abobada sombria, em carreira vertiginosa, enchendo o espaço de fumo espesso. Alustres zigzagavam, recortando a túnica fuliginosa do céu farrusco. Trovões ribombavam ameaçadores, espalhando o terror com os estampidos formidolosos de sua artilharia pesada. O vento ramalhava furiosamente, estortegando as frondes intonsas das arvores copadas.

O povo acolhera-se, medroso, á tepidez dos lares. A chuva desabou, grossa.

A alluvião defluia, regougando, em raudaes precipitosas e barrentas, carreando, em bubaia, aos trambolhões, pelos declives, herbas esturricadas, galhos ressequidos, cacarejos sordidos, carapelas inmundas, tomados aos esterquilínios.

Altas horas da noite, sobrepondo-se ao fragor da procella, que diminuía um pouco a sua impetuosidade, um grito



ecou, angustioso e lugubre, como de moribundo no ultimo esterior.

Foi um rebolico. Os lacaios e demais membros da comitiva, arrancados ao somno confortador da madrugada, corriam, aturdidos, sem saber que rumo tomar.

O grito partira da barraca do chefe.

Ahi, num mar de sangue, encontraram, agonizando, com um profundo ferimento no peito, a esposa angelical do jovem senhor.

— Que barbaro tivera o osio de profanar aquelle corpo ascetico de santa, com a lamina irreverente de um punhal? E qual fôra o movel daquelle nefando crime? — eram as interogações que brotavam de todos os labios, sem encontrarem resposta.

Subito, um fante da pela falta do collar. Faltava-lhe, a ella, o collar de perolas no pescoco...

E ficou assim provado que fôra o roubo o motivo daquelle barbaro assassinio.



Organizou-se ás pressas uma escolta para a captura do criminoso. Este, porém, fugira a Tempo, sem deixar o menor indicio. Parecia que a Terra se tinha aberto, para escondê-lo no seio.

Alguns dias após, fechava para sempre os olhos — olhos que recordavam nevas de céu sereno — aquella que era na Terra o pensamento unico do seu esposo, a vida da sua vida, a razão de ser da sua felicidade.

No dia seguinte, um feretro, luctuoso e mudo, transpoz, vagarosa e solemnemente, as alfinjas tortuosas da humilde povoação, em demanda do cemeterio.

O povo acorreu, solícito, ajudando a transportar a ultima morada o corpo escultural daquelle belleza fascinadora, que na vespéra o enlevára.

O aspecto contristador do misero viuvo, acompanhando, cabibaixo, o negro mortorio, dilacerava os corações. A dor se lhe estampava, lancinante e cruel, nas faces cavadas e nas olheiras profundas da longa vigilia. Nunca mais em



no assentado, costuma, à luz da  
lua, alliviar a dor cruciante  
daquella saudade incercivel, con-  
templando o céu azulado. Não é  
o céu a mansão dos anjos? E tio  
Yacinto teve um soluço a estran-  
gular-lhe a voz.

— Pois ella era um anjo...

As creanças quedavam-se abor-  
tadas, ouvindo a palavra commovida do  
avô veneravel, sem ousar inter-  
rompê-lo. Bem longe estavam elles  
de suppor que aquella dolorosa  
historia, era o drama vivo da  
vida de tio Yacinto. Os annos ha-  
viam transmudado o jovem senhor  
de outros tempos naquella car-  
casa de velho.

Do braseiro, subia agora um chei-  
ro forte de aipim cozido.

O desafio continuava acceso, lá  
dentro.

O vento cantava em surdina, ca-  
sando a sua voz gemedora aos  
sons dolentes da viola.

Ou fosse abatimento natural, cau-  
sado pelo esforço de narrar o seu  
triste passado, ou prostração, mo-  
tivada pela dor da saudade,  
o certo é que tio Yacinto argue-  
java.

O luar batia-lhe em cheio no



rosto macilento, fazendo resaltar-lhe,  
inda mais, a alvura immaculada  
das barbas brancas.

Duas lagrimas brilhantes  
cayam-lhe á flor das palpebras,  
deslisando-lhe depois, serena-  
mente, pelas faces engelhadas.

Não eram os velhos muito seme-  
lhantes ás creanças? Não de-  
viam, portanto, extranhar-lhe a  
quella fraqueza.